

CARTA ABERTA  
DE IONE ARRUDA GOMES  
À MÃE DE AÍDA CURI.

Li, decepcionada, alguns jornais de ontem, onde se encontram sérias incriminações e suspeitas de sua parte à minha pessoa. Diz a senhora, entre outras, que suspeitava que eu tivesse induzido Aída para entregá-la à sanha de seus assassinos, e ainda que os criminosos já eram meus conhecidos. Se assim fosse, minha senhora, para que o pretexto da chave jogada ao solo, quando muito mais fácil seria que fosse diretamente convidada pelos meus supostos conhecidos, pedindo que lhes apresentasse a minha colega.

A justificativa de não haver procurado a senhora e a família da vítima, por si não é argumento suficiente, para tão monstruosa suspeita, pois ela também poderia ser oriunda do fato de a haver procurado, caso assim tivesse acontecido, alegando talvez a senhora que o tivesse feito com o intuito de angariar as simpatias da família.

Ademais, minha senhora, não era amiga íntima de Aída e sim colega de um curso de datilografia, e pelo pouco que a conhecia posso considerá-la um exemplo de moça de bem.

Acredito que a senhora esteja perturbada com a sua grande dor, mas isto não justifica o seu pronunciamento pela imprensa, procurando incriminar-me antes de qualquer sindicância.

Aceitaria, e hoje lhe peço, encarecidamente, que por intermédio da Polícia e de seus advogados, promovam um completo levantamento do meu passado, e a senhora e o público constatarão que ele não terá nada que me venha desabonar.

À senhora, na sua grande dor, ainda resta o consolo de ver sua filha imaculada, mas, também, por caridade cristã e dever cívico, não deve incriminar a quem necessita viver em paz e cujo único crime é a infelicidade de ter sido a última colega que manteve contato com a sua pranteada filha. E este fato, minha senhora, é o único ponto com que se apega, para me atirar contra a imprensa e a opinião pública, fugindo ao espírito cristão, que tanto parece ter norteado sua saudosa filha.

Rio, 1 de agosto de 1958.

Ione Arruda Gomes.